

RESENHA:

Sociologia do trabalho: a construção de uma nova era social.

Por: Silmara Cimbalista

Doutoranda em Ciências Humanas no Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (DICH/UFSC), Bolsista do CNPq

E-mail: silmaracimbalista@terra.com.br

GUIMARÃES, N. A. (2004). *Caminhos Cruzados*. Estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia. Ed. 34. 408 p.

O livro de Nadya Araújo Guimarães é o resultado de sua tese de livre docência em Sociologia do Trabalho na Universidade de São Paulo (USP) em 2002, uma obra ambiciosa que sistematiza uma trajetória de pesquisa empírica e reflexão acadêmica intensa.

De forma detalhada e sistematizada, Nadya abandonou reflexões que dominaram os anos 1950 até os 1970 e migrou para um estilo de reflexão em que o **trabalho** é o ponto de partida analítico para se entender as mudanças sociais no Brasil; anteriormente centradas em estudos do local de produção fabril antes das relações sociais de produção.

Além de um raro trabalho descritivo e interpretativo da Sociologia do Trabalho Industrial no Brasil, a autora chama a atenção para as mudanças que desafiaram as análises dominantes até então, mostrando que a imposição e a necessidade de uma análise de rede interfirma, de cadeias produtivas ou seja, os referentes de espaço que até então dominavam o cenário metodológico das pesquisas em sociologia do trabalho, transformavam-se, surgindo as análises de trajetórias de transformação das empresas.

Considerou como um dos seus desafios metodológicos de pesquisa, alterar os referentes de espaço e tempo para novas abordagens das mudanças, que podiam ser verificadas tanto nas estratégias das firmas como nos destinos dos trabalhadores.

A realização da pesquisa na indústria químico-petroquímica foi justificada devido a facilidade de observação e por considerar ser mais perceptível observar o que se desejava nesse setor porém, também foi escolhida, por ter sido a indústria precursora em estratégias de produção em razão das especificidades do seu cotidiano de trabalho.

A autora argumentou, que as indústrias deste setor chamaram a atenção de teóricos principalmente por incorporarem formas de automação digital, otimização de processos produtivos tecnologicamente integrados, de novos artefatos da tecnologia gerencial, equipes de trabalho, regimes de turnos contínuos, hierarquias mais planas e uma força de trabalho mais qualificada; todas essas especificidades, fizeram desse setor industrial o precursor de estratégias que só viriam a ser conhecidas em outras indústrias posteriormente.

Nadya Guimarães investigou rigorosamente as novas estratégias de seleção e construção do consentimento dos trabalhadores, as soluções mágicas propaladas por modelos de gestão, como o Toyotismo, procurando, por meio de seus estudos, ao qual chamou de casos-tipo, argumentar que a busca de compromisso, metas e modalidades de organização da produção e do trabalho, assumiram diferentes formas e para entendê-las, dever-se-ia levar em conta alguns elementos como: o porte da empresa, posição na cadeia produtiva, tipo de gestão do trabalho e a força sindical dos seus trabalhadores.

No estudo dos casos, a autora se defrontou com o que veio a chamar de uma “alquimia organizacional”, não só como jogo de palavras, mas para aludir ao fato de que, práticas e técnicas teriam como substrato, tal como na era medieval, uma panacéia, que nas empresas é chamada de “qualificação” e políticas voltadas para sua produção.

Prossegue refletindo sobre os impactos do processo de reestruturação na indústria, os ambientes produtivos e a inclusão de trabalhadores que permaneciam inseridos nas firmas. Os trabalhadores que haviam sobrevivido ao ajuste dos anos 1990 na cadeia químico-petroquímica, foram chamados pela autora de “sobreviventes”, mostrando que devido a algumas características como idade, escolaridade ou tempo de emprego funcionavam como critérios fundamentais de expulsão em alguns casos, ou de permanência em outros.

Nadya relatou que certas qualidades, como a qualificação dos indivíduos, são eminentemente subjetivas, mas funcionam como maximizadores das chances de sobrevivência nos ambientes produtivos reestruturados, ou em outras palavras, inicialmente auxiliou os trabalhadores como requisito de ingresso no emprego, mas na análise final, a autora concluiu que não foi uma condição suficiente para a sobrevivência e manutenção dos postos de trabalho reestruturados.

Deixando um pouco de lado as empresas como foco do estudo, a autora procurou desvendar os percursos ocupacionais dos trabalhadores demitidos, analisando seu destino após seu desligamento da indústria.

Nadya relacionou as estratégias das empresas às trajetórias dos trabalhadores no mercado de trabalho, não só em termos da firma, do processo de trabalho, do estar ocupado mas, na visão do mercado. Defendeu, metodologicamente, que a análise longitudinal da dinâmica do mercado de trabalho conduz à um conhecimento novo sobre os trabalhadores em contextos de intensa reestruturação produtiva. Afirmou que, mais do que uma sociologia das mudanças no trabalho no Brasil, o tempo foi um elemento endógeno no que concerne ao estudo dos destinos dos trabalhadores que foram atingidos pelo desemprego.

Sua minuciosa pesquisa partiu da sociologia do trabalho para questionar a sociologia do emprego ou seja, as mudanças estruturais e re-significação de conceitos nesta área. Argumentou sobre uma nova tendência à difusão de um novo padrão de contratação e uso do trabalho: o chamado padrão flexível, que por sua vez, mostra a inadequação do padrão fordista clássico em que as negociações coletivas, os sindicatos e um sistema de proteção social se desmantelaria. A focalização e desverticalização das empresas andariam de braços dados e a subcontratação e a externalização do trabalho cresceriam, fazendo com que desse modo o esforço produtivo resultasse numa ação de firmas em redes, na qual a empresa enxuta e focalizada estaria estreitamente imbricada a um seleto número de fornecedores qualificados. Isso demonstra uma importante alteração nas relações sociais de trabalho.

Nadya acaba observando duas grandes tendências. A primeira, em termos quantitativos, na qual se acredita estar ingressando numa era em que o crescimento da produção se daria sem um aumento proporcional do emprego, tendendo a crescer uma parcela do desemprego aberto que pode ser entendida como desemprego estrutural. A segunda, em

termos qualitativos, polarizando os postos de trabalhos em “bons” e “maus” empregos ou seja, os novos contextos produtivos passaram a diferenciar fortemente os trabalhadores por seus níveis de capital humano, fazendo com que as chances de sobrevivência fosse tanto maior quanto mais ampla fosse a qualificação individual, conseqüentemente, maior seriam suas chances de empregabilidade.

Reviu a idéia tradicional de empregabilidade isto é, a obtenção do emprego passa a depender não só de medidas sociológicas clássicas de posição mas, a requerer uma análise longitudinal junto às trajetórias ocupacionais empreendidas, posto que a (re) inserção profissional resultaria de experiências anteriores de emprego e desemprego.

A autora fecha a obra refletindo sobre uma nova agenda para a sociologia do desemprego, reconhecendo que da forma como o Brasil institucionalizou o mercado de trabalho e as formas de proteção (*welfare*), o movimento de reestruturação das firmas deixou um enorme legado de desorganização nas trajetórias ocupacionais dos trabalhadores que a elas haviam pertencido, rompendo, desta forma, o elo com o mundo do trabalho registrado e protegido.

A obra demonstrou que o Brasil necessita rever suas construções institucionais e normativas com relação ao desemprego, a estruturação do mercado de trabalho e das relações de emprego e, nesse sentido, para as distintas formas do desemprego. O desafio passa a ser não somente o desemprego de longa duração mas, o fenômeno da ‘recorrência do desemprego’ — a autora convida o leitor a refletir sobre o tema ao final da sua obra. Vale portanto registrar, a eminente seriedade da obra como expressão de maturidade e percurso percorrido pela autora.

